

“Cenografia não é fazer decoração”

O argentino Marcelo Larrea, há dois anos em Brasília, é um dos cenógrafos de *Louco Por Cinema*, rodado na cidade

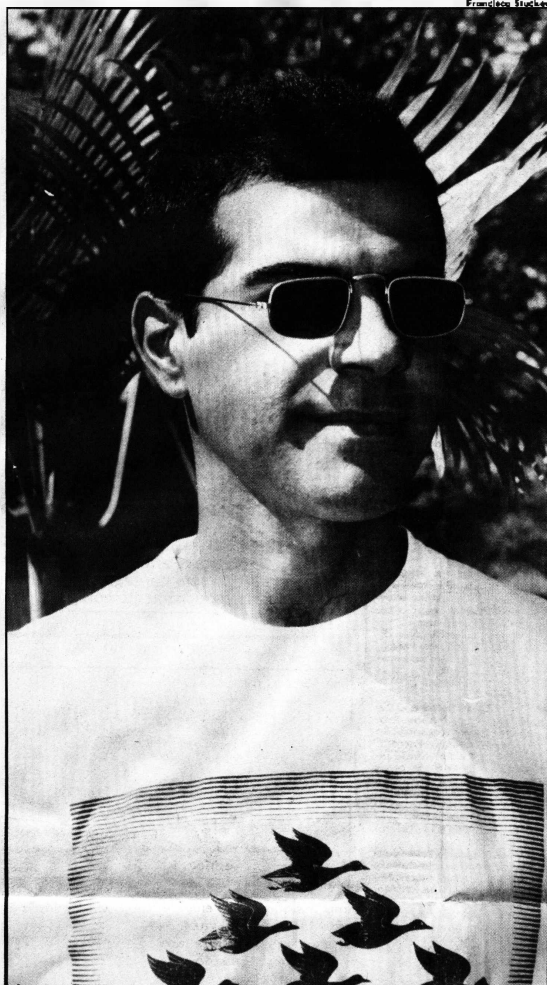
JEVERINO FRANCISCO

O cenógrafo e iluminador argentino, Marcelo Larrea, está morando em Brasília há dois anos. Entre outros trabalhos, ele atuou como assistente de cenografia em *Lobo de Ray-Ban*, com direção de José Possi Neto; *O Processo. Uma Metamorfose*, Praga; *Carmem com Filtro*, Matogrosso, com cenografia de Daniella Thomas e direção de Gerald Thomas; *Don Giovanni*, com cenografia e direção de Raul Ruiz. E como cenógrafo, participou de *Don Quixote de La Mancha*, direção de João de Bruço, e *La Bella Norma*, com direção e concepção de Ellana. A relação com o teatro começou cedo. O pai de Marcelo era um iluminador: “Desde os quatro anos eu já me sentia ligado ao teatro” — conta Marcelo. “Meu pai sempre me levava para ver as montagens de óperas”.

Mais tarde, Marcelo optou pelo curso de biologia na universidade. Chegou a fazer quatro semestres, mas nunca abandonou o teatro: “Nós tínhamos um grupo onde cada um fazia um pouco de tudo”. Nesta época, a turma do grupo de teatro soube que o cenógrafo e iluminador francês, Jean Pierre Guillemet, estava de passagem pela Argentina: “Jean Pierre ministrou um curso para o grupo: nós estudamos a história do teatro mundial. E tivemos a oportunidade de fazer uma coisa pouco comum nos cursos de cenografia: reprodutimos as maquetes das grandes peças e óperas. Você tinha uma visão espacial e conceitual das grandes montagens”.

Mas Marcelo se cansou do cotidiano da Argentina sob as ordens do regime militar e resolveu botar o pé na estrada, passando por vários países da América Latina, até chegar a São Paulo. Em São Paulo, ele se surpreendeu com as oportunidades que surgiram para trabalhar: “Em comparação com a Argentina, o Brasil é muito mais americano, é muito mais aberto. Se você tiver algum talento, consegue espaço para trabalhar. A Argentina é europeia”. Marcelo trabalhou cinco anos com Daniella e Gerald Thomas. A participação em vários festivais internacionais abriu caminho para realizar cursos e receber convites para trabalhar em vários países da Europa. “Eu fiz amizade com o pessoal do Festival de Viena e pude trabalhar com Bob Wilson e Peter Brook”.

Em 1986, Marcelo caiu no samba. A convite de Ulisses Cruz, diretor



O cenógrafo Marcelo Larrea vive com o profissionalismo desde que veio de fora. (Foto: Joverino Francisco)

do grupo “Boi Voador”, Marcelo passou a atuar como coordenador-geral de carnaval da Escola de Samba Vai-Vai, de São Paulo. E, nos três anos que esteve por lá, a Vai-Vai faturou o carnaval. Em 89, trabalhou com Joãozinho Trinta na escola “Pieruchê”. “Nós introduzimos um pouco de realidade nos desfiles de escola de samba de São Paulo — lembra Marcelo. Naquela época, o

carnaval paulistano ainda era muito pobre. Para um cenógrafo, é uma adrenalina muito grande trabalhar com escola de samba. Dois ou três meses antes você já não dorme. É um espetáculo muito rico e refinado. É preciso sincronizar o movimento, o som, os figurinos e o carro alegórico”.

Marcelo acaba de realizar uma parceria com o artista plástico e ar-

OPINIÕES

Daniella e Daniella Thomas

“Eu acho que eles introduziram algo que não existia ainda no teatro brasileiro. Não é só cenografia. É toda uma concepção visual do teatro, deixando de dar tanta importância ao texto. A Daniella tem uma pesquisa muito importante em sintonia com vários outros artistas do mundo. No momento, o quadro está se invertendo com uma retomada de interesse pelo texto. Mas o trabalho da Daniella abriu muitos horizontes novos”.

Cenografia: “Cenografia não é decoração. Eu acho que você tem de colocar o que está relacionado com a sua vida na cenografia, o que vive no País, na política, no trânsito. Não gosto de cenário de teatro. Existe no Brasil muita cenografia como decoração de interior”.

Formação: “O Brasil e Brasília carecem de formação. Não existe uma visão integrada do ensino do teatro na universidade. Não existe relação com o palco. A UNB, por exemplo, tem uma maquieteria no Departamento de Arquitetura. Mas não existe integração entre os departamentos. No final do curso, cada projeto deveria culminar em um espetáculo. O maior prazer é colocar um espetáculo em cartaz”.

Brasília: — “Fico preocupado porque vejo que Brasília tem valor humano, teatros, espaços e, no entanto, tudo é muito enroscado. Brasília tem condições de realizar festivais de teatro, música ou artes plásticas, de repercussão internacional. Só estou há dois anos por aqui. Mas não entendo por que tudo é tão complicado quando se trata de cultura. Eu gosto muito de receber convites para trabalhar. Mas até agora não tive como integrar a Brasília. É preciso mais apoio para a cultura”.

queto Luiz Cirafa no filme *Louco por Cinema*, dirigido por André Luiz Oliveira, em Brasília. “Eu acho muito interessante trabalhar com pessoas que não são cenógrafos profissionais. Elas têm a capacidade de usar mais. Eu acho que nós fizemos uma parceria muito boa neste filme. Para você fazer uma cenografia viva, é preciso estar ligado em tudo que acontece no mundo”.